

O MAPA COMO REPRESENTAÇÃO DAS VISÕES DE MUNDO: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO MAPA TERRA BRASILIS DE LOPO HOMEM, PEDRO E JORGE REINEL (1515-1519).

INABELLA DOS SANTOS DIAS (BOLSISTA FAPESB)
GLÁUCIA MARIA COSTA TRINCHÃO (ORIENTADORA)

Este trabalho de pesquisa, desenvolvido com o apoio da UEFS e da FAPESB surgiu com interesse de analisar o imaginário medieval observada na carta cartográfica Mapa Brasilis de Lopo Homem , Pedro e Jorge Reinel (1515-1519), através desta análise é possível se conhecer o universo cultural bastante rico da época, construindo assim uma nova concepção de mundo. Todas as imagens e os seus símbolos históricos foram facilmente identificados como passíveis de serem analisados como documentos que retratam os aspectos significativos de uma época e de uma sociedade. No caso presente, tratam-se das tradições do pensamento da Idade Média que ultrapassam o Atlântico e chegam ao Novo Mundo e retratam as novas terras conquistadas com um olhar de puro estranhamento e deslumbramento. O Desenho fonte principal de análise neste trabalho é utilizado como fonte de pesquisa e fonte histórica. A principal dificuldade encontrada para a realização deste trabalho foi à precariedade dos documentos encontrados no Arquivo Público de Salvador, assim como no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, por serem documentos bastante antigos, muitos se encontram sem condições de uso. Além disso, outros documentos importantes para a construção deste trabalho encontram-se na Universidade de Évora em Portugal, sendo de difícil acesso para a pesquisadora. O caminho encontrado para amenizar as adversidades foi à utilização da carta cartográfica encontrada nos inúmeros livros que retratam a evolução cartográfica das novas terras construídas com o avanço das navegações, além dos bancos de dados disponibilizados pela Biblioteca Virtual da Cartografia Histórica dos séculos XVI a XVIII. O presente trabalho busca analisar o mapa: *Terra Brasilis* de Lopo Homem, Pedro e Jorge Reinel 1519, como formas de representação do Brasil, utilizando o desenho como modo de investigação. A metáfora cartográfica aqui trabalhada pretende analisar os ricos detalhes desenhados neste trabalho, que se concentram na costa brasileira, terras recém-descobertas, espaços até então imprecisos, pois os mapas históricos não foram elaborados tomando-se como referência um sistema de coordenadas geográficas precisa. Em suma os mapas do período de 1519 foram

produzidos para serem vistos ou serem lidos. Embora o mundo seja percebido como uma representação objetiva não se pode esquecer que ele retrata toda uma simbologia de crenças, mentalidade e tempo. Em virtude de suas habilidades espaço-cognitivo, os seres humanos são capazes de navegar através do espaço geográfico, bem como comunicar informações geográficas representada na forma cartográfica. No passado, a metáfora do conhecimento como um território e o uso de mapas como uma forma de representar a organização do conhecimento do espaço, tornou-se muito popular. O conhecimento pode ser representado como um território povoado por objetos informacionais, identificados por referências metafóricas que as pessoas identificam, baseadas no senso comum, na experiência humana e nos preconceitos culturais específicos. A análise histórica dos documentos cartográficos é relativamente recente. Hoje, entretanto, na era da internet, ainda somos fascinados pela iconografia das cartas cartográficas do período dos descobrimentos. As representações cartográficas, típicas do início da Era Moderna compõem verdadeiros Atlas e Planisférios, muitas das vezes estes trabalhos trazem imprecisos dados sobre as demarcações das fronteiras e limites das novas terras. O estudo da análise do imaginário medieval presente nas representações cartográficas é parte significativa de um universo cultural e de uma concepção de mundo que se construiu a partir do material documental que a cultura europeia elaborou com as grandes navegações, desde o século XVI. As representações contidas nas cartografias expressam a beleza, o exotismo e a riqueza do novo mundo, sem deixar de lado o empírico. Na ciência hoje, verificamos uma predisposição cada vez menos preocupada com a prova, a evidência e a verdade, deixando de lado as premissas positivistas. Isso cria certa flexibilidade na interpretação da realidade, favorecendo as práticas interdisciplinares, facilitando os diálogos com outras áreas de conhecimento, mesclando e criando novos conceitos, métodos, técnicas e experiências.

“O desenho esta além de sua instrumentalidade, sendo no mundo Ocidental a mais antiga forma de expressão humana” (TRINCHÃO & OLIVEIRA, 1998 p.1). Este é um trabalho de cartografia histórica, mas também sobre arte e, sobretudo Desenho, sobre o próprio homem e sua visão de mundo, como um conceito de representação que retrata a própria condição humana. Segundo Chartier (1991) a representação é um instrumento que nos permite enxergar algo ausente, de compreender algo que não se pode ver, o homem é capaz de descrever fielmente o que foi visto. “A relação de representação — entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga - traça toda a teoria do signo do pensamento clássico,

elaborada em sua maior complexidade pelos lógicos de Port Royal. Por um lado, são essas modalidades variáveis que permitem discriminar diferentes categorias de signos (certos ou prováveis, naturais ou instituídos, aderentes a ou separados daquilo que é representado, etc.) e caracterizar o símbolo por sua diferença com outros signos” (CHARTIER, 1991, p.185). O Desenho, aqui entendido como imagem, representação e linguagem, ora atua como documento histórico através dos mapas, ora como método de investigação científica, quando são analisados, ora como fonte de pesquisa e fonte históricas, quando são coletados, catalogadas e analisadas. Ao analisar as imagens categorizadas o desenho passa a ser analisado como fonte de pesquisa e análise de dados. “ Ora, o desenho ao contrário do que pensam muitos, não é uma ação das mãos, é uma ação do olhar. Não é questão de coordenação motora, mas de aprimoramento da percepção e da inteligência” (TIBURI, 2010 p.19). A cartografia é definida como arte (Desenho), como ciência, como técnica. Sua forma de representar e acima de tudo o que ela representa nos seus mapas, evolui com a própria história da arte e seu foco muda de acordo com a mudança do próprio foco de nossa identidade. “O desenho, enquanto entidade histórica, e a própria história é a interpretação, também, se coloca como um texto, apreendido, decodificado. Não só por esta relacionado com preexistências, como também para condensar toda uma série de imagens, com seus resultados e significados multifacetados” (TRINCHÃO & OLIVEIRA, 1998 p. 3). Podemos definir os mapas com tantas definições para tantos usos, como representações iconográficas. Iconografia é uma forma de linguagem visual que utiliza imagens para representar determinado tema e estuda a origem e a formação das imagens. “... as imagens são construídas historicamente que, associadas a outros registros, informações, usos e interpretações, se transformam em um determinado momento em verdadeiras certidões visuais do acontecido, do passado” (PAIVA, 2006). Segundo Jolly (1994) o homem e sempre levado em seu cotidiano a utilização da imagem para descrever o que olha conseqüentemente, o homem passa a interpretar e decodificar o que vê. “A utilização das imagens generaliza-se de fato e, quer as olhemos quer as fabriquemos, somos quotidianamente levados à sua utilização, decifração e interpretação” (JOLLY, 1994 p. 19). Se considerarmos a iconografia como sinônimo de imagem registrada, a representação por meio de imagem, representações estas que se produzem nas e sobre as variadas dimensões da vida no tempo e no espaço. Assim sendo, podemos considerar os mapas como iconografias, como imagens que representam não só o vivenciado e o visto, mas também o que foi sentido, imaginado ou sonhado.